

Análise da Viabilidade de Implementação de Ferramenta Educomunicativa para Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis

Feasibility Analysis of the Implementing an Educommunicative Tool for Continuing Education in Sexually Transmitted Infections, TPACK Knowledge and Distance Education

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v13i1.2034

Taiane Acunha Escobar^{1*}
Luísa Zuravski¹
Michel Mansur Machado¹

¹ Universidade Federal do Pampa
-Rodovia BR 472 - Km 585 - Uruguaiana
- RS - Brasil.

*taianeescobar.aluno@unipampa.edu.br

Resumo

A educação pode ser uma estratégia para a promoção da saúde, no sentido de comunicar, informar e atualizar profissionais da saúde. Sob essa perspectiva, o objetivo geral do estudo é reconhecer o perfil dos inscritos na Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis e Prevenção Combinada, denominada "Informação" para a implementação de ferramenta educacional. A pesquisa caracterizou-se como um estudo transversal qualitativo, com avaliação de instrumento de coleta de dados estruturado e virtual para profissionais de saúde, estudantes e interessados no tema. Entre os 120 inscritos, 86,7% são do sexo feminino; as faixas etárias entre 20 e 44 anos foram as mais representativas. Os profissionais de saúde representaram 55,8%, estudantes 40% e profissionais de outras áreas 4,2% dos inscritos; 99,2% têm acesso à internet e consideram possível o aprendizado exclusivamente por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação (94,2%) e 86,7% já participaram de cursos de formação em plataformas digitais e 46,6 % dos inscritos já realizaram capacitação na área de Infecções Sexualmente Transmissíveis. A prevenção combinada foi a maior vulnerabilidade elencada em relação às orientações e as principais demandas para capacitações foram janela imunológica, aconselhamento, orientação pós-teste e prevenção combinada. Dessa forma, consideramos que a formação continuada para profissionais de saúde, em exercício ou em formação, pode ser uma estratégia para qualificar esse público para o atendimento com cuidados equitativos em saúde e o acesso universal e a implementação de ferramentas educacionais podem ser aliadas como modelo de ensino a distância para a realização de formação continuada em saúde.

Palavras-chave: Mídia visual. Inclusão digital. Formação continuada. Conhecimento digital.



Recebido 20/06/2023
Aceito 27/07/2023
Publicado 03/08/2023

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: ESCOBAR, T. A.; ZURAVSKI, L.; MACHADO, M. M. Análise da Viabilidade de Implementação de Ferramenta Educomunicativa para Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis. *EaD em Foco*, v. 13, n. 1, e2034, 2023. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v13i1.2034>

Feasibility Analysis of the Implementing an Educommunicative Tool for Continuing Education in Sexually Transmitted Infections

Abstract

Educommunication can be a strategy for health promotion by communicating, informing, and updating health professionals. From this perspective, the general objective of the study is to recognize the profile of those enrolled in the Continuing Education in Sexually Transmitted Infections and Combined Prevention, called "Informação," for the implementation of an educommunicative tool. The research was characterized as a qualitative cross-sectional study, evaluating a structured and virtual data collection instrument for health professionals, students, and those interested in the subject. Among the 120 subscribers, 86.7% are female, with the age groups between 20 and 44 years old being the most representative. Health professionals accounted for 55.8%, students 40%, and professionals from other areas 4.2% of those enrolled; 99.2% have access to the internet and consider learning possible exclusively through Information and Communication Technologies (94.2%), and 86.7% have already participated in training courses on digital platforms and 46.6% of those enrolled have already carried out training in the area of Sexually Transmitted Infections. Combined prevention was the highest vulnerability listed about guidance, and the main demands for training were an immunological window, counseling, post-test guidance, and integrated prevention. In this way, we consider that continuing education for health professionals, in practice or training can be a strategy to qualify this public to provide equitable health care and universal access, and the implementation of educommunicative tools can be allied as a model distance learning to carry out continuing education in health.

Keywords: Visual media. Digital inclusion. Continuing education. Digital knowledge.

1. Introdução

A educomunicação tem como propósitos básicos o princípio de promover processos comunicativo-educativos apoiados em relações dialógicas e colaborativas, voltados à formação cidadã (CITELLI, 2019). Neste sentido, com foco na saúde, atua no processo de educar para o pleno exercício do cuidado. Cabe ampliar teoricamente as discussões comuns, de modo a promover o empoderamento, bem como estimular a produção de conteúdos com um foco educativo consciente sobre saúde (MACHADO, 2017 a).

A informação, a educação e o aconselhamento podem melhorar a capacidade de reconhecer os sintomas das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), porém as lacunas de conhecimento da população, a falta de treinamento do pessoal de saúde e o estigma generalizado e arraigado em torno das IST continuam a impedir o uso maior e mais eficaz das intervenções (WHO, 2022). Entre as capacitações e atualizações em saúde, as que se referem às IST representam uma demanda urgente considerando as estimativas de que diariamente, mais de um milhão de pessoas contraem uma IST no mundo e a maioria dos casos assintomáticos (WHO, 2022). Neste contexto, o emprego de processos educomunicativos é uma estratégia para Formação Continuada de profissionais de saúde, em exercício ou em formação, no sentido de comunicar, informar, atualizar esse público para o atendimento equitativo em saúde e acesso

universal. Por sua vez, a Educação a Distância (EaD) em ambientes virtuais pode auxiliar na difusão de conhecimentos que são importantíssimos para prevenção, proteção e segurança da comunidade (DIAS e BATTESTIN, 2022).

Diante deste cenário, o trabalho emerge de um recorte que integra a pesquisa de Educomunicação e Recursos Digitais como ferramentas educacionais na área da saúde. A pergunta norteadora é: Será que a educomunicação pode ser uma ferramenta útil na formação de profissionais de saúde na temática de IST? Logo, o intuito é identificar a viabilidade para a implementação de um curso de Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis e Prevenção Combinada – “Informação”, abordamos aqui os perfis sócio-demográficos, atuação profissional e de conhecimentos sobre IST. Ainda, buscamos a identificação do perfil digital e de preferências sobre abordagem metodológica com ferramentas digitais, uma vez que o curso proposto fará uso de ferramentas de ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

2. Metodologia

A pesquisa tem registro no CEP UNIPAMPA (Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa) nº CAAE: 56697522.8.0000.5323. Todos os preceitos éticos estão em conformidade com a Resolução nº 196/96 (BRASIL, 1996), no que concerne o respeito à autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. A metodologia do trabalho foi explicada a todos os participantes, que assinaram o TCLE como forma de registro do seu consentimento de participação.

A proposta desenvolveu um trabalho participativo, com processos dialógicos, envolvendo os intervenientes e os participantes da pesquisa. A amostra, composta por 120 participantes, foi dividida em três grupos: 1) Profissional de saúde - profissionais com formação de nível técnico ou superior na área da saúde; 2) Estudante - profissionais de saúde em formação de nível técnico ou superior; 3) Interessado no tema - profissionais de outras áreas.

A divulgação e convite para participação na pesquisa ocorreram nas redes sociais, aplicativos de mensagem de texto e de forma presencial com as equipes vinculadas ao SUS (Sistema Único de Saúde). As inscrições foram realizadas via link no Google Formulários no período de 13/07/2022 a 15/08/2022. Os inscritos receberam por e-mail, o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e o questionário on-line, previamente validado (BRASIL, 2013), a ser respondido no período de 22/08/2022 a 12/09/2022. O questionário on-line foi o instrumento de coleta estruturado virtual, com questões objetivas fechadas e descritivas. Para entender os hábitos, interesses, e as demandas relacionadas ao tema proposto, foram coletadas informações relacionadas aos perfis sócio-demográficos (sexo, idade, escolaridade, classe socioeconômica, cor/etnia); de atuação profissional (formação, vínculo profissional), digital (conhecimentos básicos, acesso aos recursos digitais, à internet, aos aplicativos e programas de computador, utilização de ferramentas digitais para aprendizagem, preferência de metodologias para formação continuada); de conhecimentos sobre IST (vulnerabilidades, temas de maior demanda e de capacitação/atualização, percepções sobre formação continuada em IST) e o perfil dos executores de testes rápidos (realização na rotina de trabalho, capacitação e orientação pós-teste).

A pesquisa caracterizou-se como um estudo transversal. Na busca de entender os significados dos dados, questões subjetivas, particularidades e contexto, em síntese, essa investigação de cunho qualitativo foi empregada para traçar o perfil do público alvo do estudo. Para Flick (2009), o método qualitativo baseia-se na estruturação do objeto em análise, com interesse na compreensão dos sujeitos, hábitos e saber relacionado ao objeto de estudo. A análise descritiva (frequências e percentuais) foi utilizada para as questões objetivas e fechadas. Segundo Huot (2002, p.60) constitui-se de um conjunto de técnicas e de regras que resumem a informação obtida sobre uma amostra ou população, sem distorção ou perda de informação. As faixas etárias foram divididas conforme classificação do IBGE (2021) e as classes sociais foram definidas conforme o Critério Brasil (ABEP, 2022).

A avaliação das questões qualitativas abertas, relacionadas ao perfil de conhecimentos sobre IST, foi realizada pela técnica de Análise de Conteúdo Categórica com base teórica positivista. A mesma é definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011, p.44). Inicialmente, foi realizada a pré-análise, via leitura flutuante, para a organização do material, o primeiro contato com as respostas e a formulação das hipóteses. Nessa etapa, anterior a categorização, foram selecionadas as respostas condizentes com os critérios de inclusão e exclusão, a saber: Como critério de inclusão foram aceitas as respostas expressas de forma verbal escrita que explicitassem a compreensão ou definição das perguntas, expressando significado e sentido, conforme Cardoso et al (2021). Foram excluídas da amostra as respostas com símbolos, pontuação, espaços ou letras que não correspondiam ao objetivo da pesquisa, baseando-se na Regra da Pertinência (CARDOSO et al, 2021). Para a classificação das categorias realizou-se a exploração do material, com a aplicação de forma sistemática da codificação e a análise. E por fim, a inferência e interpretação, na qual as respostas passaram por um crivo de classificação e de quantificação, segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. As categorias foram criadas a partir dos códigos e analisadas com o auxílio das referências UNAIDS (2017), Teixeira e Valle (2010) e dicionário on-line Michaelis de língua portuguesa (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>).

3. Resultados e Discussão

Nesta seção apresentamos a análise do perfil e das percepções dos inscritos no curso de Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis e Prevenção Combinada – “Informação”. Entre os 120 inscritos, divididos em três grupos, 67 que corresponderam a 55,8% da amostra eram Profissionais de saúde; 48 ou 40% eram Estudantes e os Interessados no tema totalizaram cinco pessoas, 4,2%. Com o intuito de identificar a viabilidade de desenvolver um curso utilizando recursos digitais e os preceitos da educação de forma personalizada foi traçado o perfil sócio demográfico apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Perfil sócio demográfico dos inscritos no curso de Formação Continuada em Infecções Sexualmente Transmissíveis e Prevenção Combinada - Informação.

Caracterização dos inscritos	Profissional de Saúde (n= 67)	%= 100	Estudante (n=48)	%= 100	Interessado no tema (n=5)	%= 100	Total (n= 120)	%= 100
Sexo								
Feminino	60	50,0	41	34,2	3	2,5	104	86,7
Masculino	7	5,8	7	5,8	2	1,7	16	13,3
Idade - faixa etária								
15-19	0	0,0	5	4,2	1	0,8	6	5,0
20-24	4	3,3	19	15,8	0	0,0	23	19,2
25-29	6	5,0	8	6,7	0	0,0	14	11,7
30-34	11	9,2	6	5,0	0	0,0	17	14,2
35-39	15	12,5	3	2,5	2	17	20	16,7
40-44	13	10,8	3	2,5	1	0,8	17	14,2
45-49	8	6,7	3	2,5	0	0,0	11	9,2
50-54	3	2,5	0	0,0	0	0,0	3	2,5
55-59	2	1,7	0	0,0	0	0,0	2	1,7
60-64	3	2,5	0	0,0	0	0,0	3	2,5
65-69	1	0,8	0	0,0	1	0,8	2	1,7
Sem resposta	1	0,8	1	0,8	0	0,0	2	1,7
Escolaridade *								
E. F. Completo	1	0,8	0	0,0	0	0,0	1	0,8
E. M. Incompleto	0	0,0	1	0,8	1	0,8	2	1,7
E. M. Completo	14	11,7	23	19,2	2	1,7	39	32,5
E. S. Incompleto	10	8,3	23	19,2	0	0,0	33	27,5
E. S. Completo	17	14,2	1	0,8	2	1,7	20	16,7
Pós-Graduação	25	20,8	0	0,0	0	0,0	25	20,8

Classe socioeconômica									
A	8	6,7	4	3,3	1	0,8	13	10,8	
B1	16	13,3	2	1,7	0	0,0	18	15,0	
B2	19	15,8	17	14,2	0	0,0	36	30,0	
C1	9	7,5	10	8,3	0	0,0	19	15,8	
C2	8	6,7	10	8,3	3	2,5	21	17,5	
DE	0	0,0	1	0,8	1	0,8	2	1,7	
Sem resposta	7	5,8	4	3,3	0	0,0	11	9,2	
Cor/ etnia **									
Amarela	0	0,0	1	0,8	0	0,0	1	0,8	
Branca	49	40,8	34	28,3	3	2,5	86	71,7	
Parda	15	12,5	8	6,7	2	1,7	25	20,8	
Preta	3	2,5	4	3,3	0	0,0	7	5,8	
Sem resposta	0	0	1	0,8	0	0,0	1	0,8	

Legenda: * E.F. - Ensino Fundamental – E.M. - Ensino Médio – E.S. - Ensino Superior.

**Cor/ etnia classificada conforme autopercepção dos participantes

Fonte: elaborado pelos autores

Percebeu-se que além dos profissionais de saúde, que atuam diretamente com IST, outras pessoas também demonstraram interesse em aprender ou reciclar os conhecimentos. O reconhecimento do perfil e das percepções da população inscrita é uma estratégia de promoção de iniciativas educacionais, que permitem a articulação de ações de educação, comunicação e pesquisa no âmbito da prevenção em saúde. A amostra majoritariamente feminina (Tabela 1), representando 86,7% dos inscritos, é um fator já observado em outros estudos, onde as mulheres representam mais de 80% da força de trabalho na área da saúde (MACHADO *et al*, 2017 b). Este dado também aponta a tendência de feminilização da força de trabalho na Atenção Primária à Saúde (OLIVEIRA e PEDRAZA, 2019; PEDRAZA *et al*, 2018).

Os inscritos estavam divididos em 11 faixas etárias, com predominância seis faixas etárias entre 20 e 49 anos (Tabela 1). As iniciativas educacionais de formação continuada, como a que será proposta, podem representar alternativas para a capacitação ao enfrentamento de problemas de saúde pública, inclusive as IST. A utilização de metodologia adequada pode atingir diferentes públicos das mais variadas faixas etárias e proporcionar oportunidades de contato com processos de comunicação e educação no atual contexto de utilização de recursos digitais na internet. Viana e Neves (2021) relataram que a educação oportuniza aos profissionais da saúde, além do maior contato com ferramentas e tecnologias de comunicação e informação do contexto digital e em rede, a compreensão sobre o potencial que tem o diálogo direto e respeitoso com a comunidade.

Observamos, na Tabela 1, um perfil heterogêneo de escolaridade, entre os profissionais de saúde a maior parcela possui Pós-Graduação (20,8%). O conhecimento do grau de instrução permitirá desenvolver um curso personalizado que atenda às características e as necessidades desse público com a linguagem e o nível de dificuldade dos conteúdos adequados para promover uma aprendizagem ativa baseada nas demandas atuais. Embora o último inquérito brasileiro sobre conhecimentos, atitudes e práticas em IST mostrou que temática proposta é de conhecimento geral, em especial sobre HIV (BRASIL, 2013), houve interesse por pessoas de diferentes níveis de escolaridade. O que indica uma importante oportunidade de abordagem e principalmente de atualização para a população em geral.

Entre os 67 profissionais de saúde a formação foi de nível técnico e superior divididos em nove profissões. Os profissionais de nível técnico foram: 7 agentes comunitários de saúde, os quais totalizaram 5,8% da amostra, 2 auxiliares de farmácia que corresponderam a 1,7%, 1 auxiliar de saúde bucal, 0,8% e 27 técnicos de enfermagem que representaram a maior parcela do público de nível técnico com 22,5% dos participantes. Entre os profissionais de nível superior estavam inscritos 21 enfermeiros representando 17,5% da amostra, 4 farmacêuticos, totalizando 3,3% dos participantes, 3 psicólogos somando 2,5% e 1 educador físico e 1 fisioterapeuta que juntos corresponderam a 1,7% da amostra. Esses achados apontam para a necessidade de promover oportunidades para os profissionais de saúde refletirem sobre as práticas profissionais e reciclar os seus conhecimentos sob uma perspectiva atual. Assim, em uma equipe

multiprofissional, é imprescindível que todos os profissionais estejam capacitados e tenham acesso a informações sobre as IST e seus protocolos, pois podem participar do atendimento aos pacientes. Técnicos (as) de enfermagem e enfermeiros (as) foram as profissões mais frequentes. Cabe ressaltar que esses profissionais estão presentes em todas as ESF e são responsáveis pela realização dos testes rápidos para as IST além de orientação pós-teste, auxílio no tratamento e encaminhamentos para o serviço especializado.

O processo de formação universitária na área de saúde tem sido amplamente debatido atualmente, com o intuito de modificar o perfil dos futuros profissionais, visando à melhoria da atenção à saúde da população (GUIMARÃES *et al*, 2017). A abordagem educativa em relação às IST, em especial ao HIV e a Aids deve acontecer de forma transversal e o propõem-se que processo de ensino-aprendizagem ocorra durante todo o curso inserido e articulado à rede de serviços, valorizando a atenção primária, tendo uma concepção ampliada dos determinantes do processo saúde-doença (GUIMARÃES *et al*, 2017). Nesse sentido, considerando que o tema é de grande importância para a saúde pública, visto os dados epidemiológicos nacionais, independente da abordagem na formação básica, proporcionar cursos de Formação Continuada pode contribuir para o aperfeiçoamento desse grupo. O grupo dos estudantes, 40% da amostra, foi composto por indivíduos em formação técnica e superior. A maior parcela, 33,3%, relatou estudar em tempo integral, os 6,7% que completam o grupo, estão vinculados em serviços de saúde em período de estágio.

A comunicação em saúde está muito presente na vida dos brasileiros, especialmente a partir de 2020, em decorrência da Pandemia da COVID-19, no qual se iniciou um período de mudanças nas interações sociais, na forma de trabalhar e de estudar. A educação em todas as esferas e níveis teve que se adaptar a uma nova realidade, o distanciamento promoveu a necessidade de recorrer às mídias de comunicação como estratégias de ensino e meio de interação social (TROUTINHO *et al*, 2021). Vivemos uma onda de popularização do uso das tecnologias digitais e conseqüentemente uma grande quantidade de atividades começou a ser desenvolvidas de forma digital. Fato que tornou possível a participação em cursos, palestras, eventos profissionais, científicos e culturais de forma remota. A maneira como nos comunicamos, recebemos informações e aprendemos está cada vez mais atrelada ao uso da rede mundial de computadores. Grande parte dos inscritos, ao serem questionados sobre a possibilidade de aprender por recursos digitais exclusivamente, concordou que é possível e que tem condições de realizar a capacitação on-line (Tabela 2). A possibilidade de aprender exclusivamente por meio de recursos digitais foi aceita por 53,3% dos profissionais de saúde, e desses, 50,8% já utilizaram as plataformas digitais para a realização de cursos de formação (Tabela 2). Entre os estudantes, 37,5% responderam ser possível aprender exclusivamente por recursos digitais, e 33,3% já utilizaram plataformas digitais para formação enquanto que 5,8% nunca tinham realizado formação por meio de plataformas digitais e esta será a primeira capacitação on-line (Tabela 2).

Tabela 2: Percepções dos inscritos sobre as possibilidades de aprendizagem por meio dos recursos digitais e perfil quanto ao acesso à internet e a utilização de aplicativos e programas de computador.

Questionamentos	Profissional de saúde (n=67)	%= 100	Estudante (n=48)	%= 100	Interessado no tema (n=5)	%= 100	Total (n=120)	%= 100
Você acha possível aprender por meio de recursos digitais, exclusivamente?								
Sim	64	53,3	45	37,5	4	3,3	113	94,2
Não	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Talvez	2	1,7	2	1,7	0	0,0	4	3,3
Sem resposta	1	0,8	1	0,8	1	0,8	3	2,5
Já utilizou plataformas digitais para a realização de cursos de formação?								
Sim	61	50,8	40	33,3	3	2,5	104	86,7
Não	5	4,2	7	5,8	1	0,8	13	10,8
Sem resposta	1	0,8	1	0,8	1	0,8	3	2,5

Tem acesso à Internet?									
Sim	66	55,0	48	40,0	5	4,2	119	99,2	
Não	1	0,8	0	0,0	0	0,0	1	0,8	
Como costuma acessar a Internet?									
Celular/ <i>Smartphone</i>	52	43,3	36	30,0	4	3,3	92	76,7	
Computador/ <i>Notebook/ Laptop</i>	14	11,7	12	10,0	1	0,8	27	22,5	
Outro	1	0,8	0	0,0	0	0,0	1	0,8	
Quais aplicativos costuma utilizar*?									
<i>Facebook</i>	42	35,0	34	28,3	2	1,7	78	65,0	
<i>Instagram</i>	47	39,2	39	32,5	4	3,3	90	75,0	
<i>Snapchat</i>	1	0,8	3	2,5	0	0,0	4	3,3	
<i>Whatsapp/ Telegram</i>	42	35,0	43	35,8	5	4,2	90	75,0	
<i>Twitter</i>	2	1,7	12	10,0	0	0,0	14	11,7	
Aplicativo de relacionamento	2	1,7	3	2,5	0	0,0	5	4,2	
Outros sites e aplicativos	4	3,3	6	5,0	2	1,7	12	10,0	
Nenhum desses	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	
Não quero responder	2	1,7	0	0,0	0	0,0	2	1,7	
Qual ou quais programas de computador costuma utilizar*?									
<i>Word</i>	53	44,2	34	28,3	2	1,7	89	74,2	
<i>Libre Office</i>	4	3,3	3	2,5	0	0,0	7	5,8	
<i>Google Drive</i>	31	25,8	25	20,8	2	1,7	58	48,3	
<i>Excel</i>	18	15,0	12	10,0	1	0,8	31	25,8	
<i>Power Point</i>	19	15,8	14	11,7	0	0,0	33	27,5	
<i>Canva</i>	12	10,0	19	15,8	1	0,8	32	26,7	
Nenhum desses	3	2,5	4	3,3	1	0,8	8	6,7	
Não quero responder	4	3,3	1	0,8	0	0,0	5	4,2	

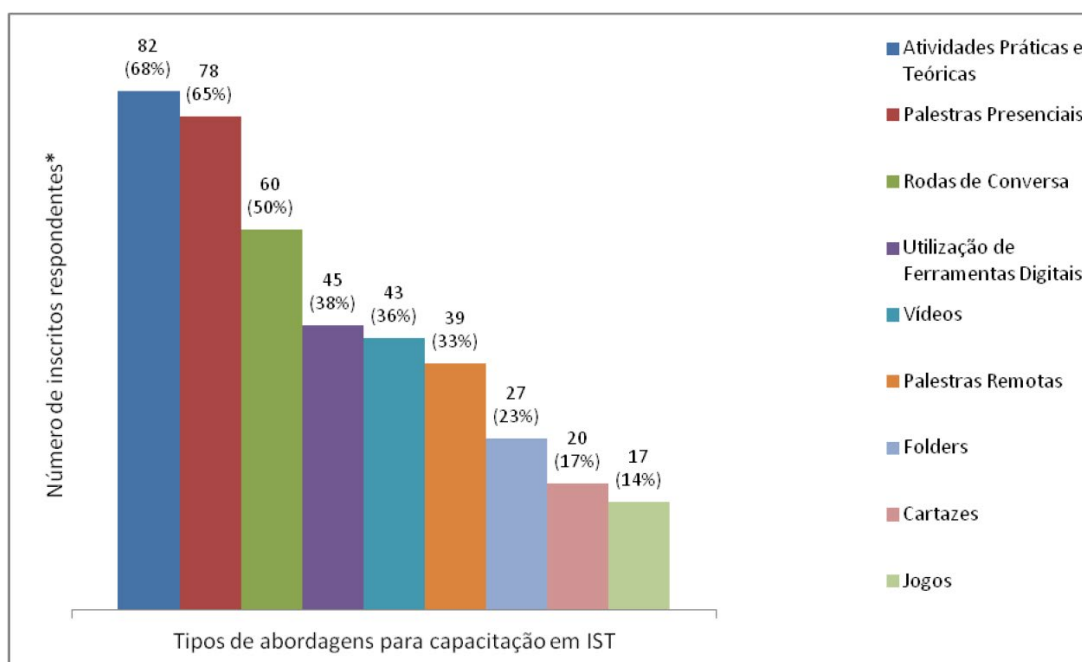
Legenda: *Foi possível marcar mais de uma opção

Fonte: elaborado pelos autores

Os resultados denotam que cursos à distância assíncronos representam uma ótima oportunidade de atualização e capacitação para profissionais de saúde. A educomunicação permite a utilização da mídia como mediadora do processo educativo em distintos espaços educativos, a exemplo das iniciativas de educação a distância em geral na educação não formal (ALMEIDA, 2016). No Brasil, a educomunicação tem sido adotada como um caminho de aprendizagem colaborativa em ações que envolvem especialmente a educação e a sustentabilidade (SOARES *et al*, 2019).

Dados do IBGE (2019) apontam que 90% dos lares brasileiros têm acesso à internet no Brasil, corroborando com os achados desse estudo, no qual 99,2% dos inscritos relataram ter acesso (Tabela 2). Devido ao aumento do acesso da população à internet e conseqüentemente às mídias digitais, estratégias de educação em saúde em meios não formais têm sido cada vez mais frequentes (GABARRON *et. al*, 2018; HSU *et. al*, 2018). A principal forma de acesso foi por celulares/smartphones que possibilitam o uso de aplicativos de celular, como o “Whatsapp” e o “Instagram”, os mais populares entre o público participante. A popularização dos aplicativos apresenta-se como fator facilitador para a utilização das metodologias digitais. As ferramentas “Word” e “Google Drive” foram os programas de maior utilização (Tabela 2).

Para Moran (2015), “A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços (MORAN, 2015)”. Dessa forma, identificar as necessidades do público-alvo e desenvolver metodologias adequadas e personalizadas a este público terá uma maior efetividade no processo de aprendizagem e aplicação prática. Conforme o perfil observado relativo ao acesso à internet e a aceitação em aprender por intermédio de recursos digitais, a utilização de recursos educacionais digitais é uma opção viável e favorável para o desenvolvimento da Formação Continuada a que nos propomos. Porém, embora se perceba uma boa aceitação em acessar e utilizar os recursos digitais, os inscritos ainda demonstraram preferência por abordagens metodológicas presenciais às ferramentas digitais (Gráfico 1), para Formação Continuada.

Gráfico 1: Opinião dos participantes sobre as formas de abordagens mais relevantes para desenvolver capacitações em programa de Formação Continuada.

Legenda: *Foi permitido responder mais de uma opção.

Fonte: elaborado pelos autores

Dois fatores importantes podem ser considerados quando se percebe a preferência deste público por atividades presenciais. Estamos saindo de um período pandêmico onde o contato e as interações sociais foram bruscamente interrompidos e as pessoas estão diferentes, buscando muitas vezes reestabelecer esses contatos. Por outro lado, embora vivenciamos um período de ensino remoto, o qual foi instaurado repentinamente e de forma improvisada em muitos casos, ainda estamos acostumados com o ensino tradicional, onde o professor é o detentor do conhecimento e muitas vezes as metodologias utilizadas na modalidade presencial são passivas, o que facilita a participação do estudante. Em contrapartida, a modalidade EaD desacomoda aqueles que ainda não estão totalmente alfabetizados na era digital. Além disso, é preciso compreender as mudanças em relação ao cenário atual da educação a distância e a necessidade de uma série de competências digitais consideradas importantes à atuação do aluno neste processo de aprendizagem (SILVA e BEHAR, 2021).

Na modalidade EaD, o estudante necessita de um novo perfil: um aluno virtualizado, imerso nas Tecnologias de Informação e Comunicação. Alguns desses alunos já nasceram em contato com recursos tecnológicos, e outros estão alfabetizando-se digitalmente (MEDEIROS e TOEB, 2017). Nesse sentido, Schneider *et al* (2013, p.182) afirmam que: [...] para que o aluno tenha sucesso em um curso virtual é preciso automotivação e autodisciplina, pois o ambiente on-line é livre e, juntamente com a liberdade, deve haver responsabilidade, comprometimento e disciplina. Deve saber trabalhar em conjunto com seus colegas para atingir seus objetivos de aprendizagem e do curso. Sabendo que o professor é apenas o facilitador, o aluno torna-se o responsável pelo seu processo de aprendizagem.

No Brasil, a EaD possui um papel fundamental, pois representa acesso de milhares de alunos ao Ensino Superior, comprovando ser um fator de desenvolvimento social associado ao avanço tecnológico (SILVA, 2018). O Censo EAD.BR 2019/2020 mostrou que os estudantes vão de jovens a adultos, representando diferentes gerações e formas de lidar com a tecnologia. E o mais importante, conforme o Censo, a taxa de evasão foi acima de 20%, e entre os principais motivos foram a falta de tempo para estudar e a não adaptação às metodologias. (ABED, 2021). Desta forma, ressaltamos que é primordial conhecer o perfil digital do público alvo e/ou proporcionar noções básicas focadas nas ferramentas utilizadas, que podem

reduzir o número de estudantes que não conseguem completar seus estudos no Ensino a Distância e, portanto, se frustram com a modalidade. Conforme destacado por Plassa (2022), estudantes com menor conhecimento em ferramentas digitais possuem maiores chances de evasão de cursos. Nesse sentido, o desenvolvimento de cursos de Formação Continuada metodologicamente viáveis e acessíveis e direcionados às demandas do perfil do público-alvo, devem ser incentivados e ofertados de forma livre, flexível e que garantam a participação efetiva. E o crescimento expressivo da abrangência da Educação a Distância (EaD) no Brasil observado anualmente (NASCIMENTO; SANTOS, 2021), pode ser aliado no desenvolvimento e utilização de recursos digitais para este fim.

As percepções e conhecimentos em IST entre os inscritos trouxeram subsídios para identificação das vulnerabilidades referente às orientações além de elencar as principais dúvidas e a importância da participação das equipes de saúde em programas de Formação Continuada em IST (Quadro 1).

Quadro 1: Análise de conteúdo das percepções dos participantes da Formação Continuada sobre as vulnerabilidades e dúvidas referentes às orientações em IST, e importância da participação em programas de Formação Continuada em IST.

Questionamento 1 - Maior vulnerabilidade referente às orientações sobre IST		
Código	Categoria	Frequência
1- Abordagem sobre IST	Abordagem*	4
2- Acolhimento ao paciente	Cuidados equitativos em saúde	10
3- Aconselhamento / Orientação / Falta de orientação	Aconselhamento	9
4- Conhecimento técnico / Conhecimento da população	Conhecimento*	12
5- Exposição aos riscos / Risco de exposição	Biossegurança	6
6- Diagnóstico de testes rápidos / Janela imunológica	Testagem para HIV	6
7- Informação / Desinformação / Falta de informação	Informação*	19
8- Prevenção / Falta de prevenção / Seguimento do tratamento / Adesão	Prevenção Combinada	20
Questionamento 2 - Principais dúvidas sobre IST apontadas pelos inscritos **		
Código	Categoria	Frequência
1- Testes rápidos / Janela imunológica	Testagem para HIV	118
2- Prevenção combinada / Profilaxia pré e pós-exposição	Prevenção Combinada	151
3- Orientação ao uso de preservativo masculino e feminino	Informação*	47
4- Orientação pós-teste / Aconselhamento	Aconselhamento	122
5- Acolhimento	Cuidados equitativos em saúde	3
6- Atualização	Conhecimento*	5
Questionamento 3 - Importância da participação em programa de Formação Continuada em IST		
Código	Categoria	Frequência
1- Acolhimento ao paciente	Cuidados equitativos em saúde	5
2- Aconselhamento / Orientação	Aconselhamento	16
3- Atualização constante / Qualificação técnica / Qualificação para diagnóstico / Formação	Acesso universal	31
4- Conhecimento técnico / Conhecimento para orientar	Conhecimento*	18

Legenda: * A descrição dos termos incluídos nas categorias foi retirada do Dicionário Michaelis – on-line (<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>)

** Foi possível marcar mais de uma opção

Fonte: elaborado pelos autores

Foram apontadas 86 respostas às vulnerabilidades, divididas em 08 categorias, relacionadas no Quadro 1. As principais dúvidas relativas ao tema IST, para a construção do curso de Formação Continuada, foram divididas em 06 categorias. O aconselhamento, testagem para HIV e prevenção combinada foram os pontos mais citados como dúvidas e também como vulnerabilidades. Identificou-se entre as vulnerabilidades

e principais dúvidas sobre IST que ainda há dificuldade de troca de informações entre os profissionais de saúde e a população, pela fragilidade de conhecimentos técnicos sobre prevenção combinada, janela imunológica ou aconselhamento pós-teste. Embora as tecnologias de tratamento e prevenção sejam atualizadas conforme as necessidades e avanços científicos, nem sempre os profissionais de saúde em exercício ou em formação conseguem acompanhar a evolução das atualizações de protocolos do Ministério da Saúde (MS). O que se percebe é que as epidemias de HIV e de outras IST são frequentes e persistem por muitos anos e para essa situação mudar, temos que priorizar a busca por ações que consigam suprir as falhas na prevenção e conscientização da população.

Ao serem questionados sobre a importância da participação das equipes de saúde em um programa de Formação Continuada em IST, a opinião de 110 participantes foi de concordar positivamente. Desses, 54,5% dos profissionais de saúde relataram motivos para participação que foram divididos em 6 categorias (Quadro 1). A categoria acesso universal foi a mais citada, os participantes apontaram a importância da atualização, qualificação e formação para garantir atendimento de qualidade aos pacientes. Para Oliveira e Pedraza (2019) é extremamente necessário, que gestores dos serviços de saúde do SUS garantam um mínimo de programas de educação continuada e permanente aos profissionais do setor.

A realização de testes rápidos na rotina laboral e a participação em treinamentos ou capacitações em IST, cursos ou formação continuada foram avaliadas especificamente para os 75 inscritos que já estão atuando na área da saúde, esse grupo é composto por 67 profissionais de saúde e oito estudantes. Entre eles, 86,6% estão vinculados às unidades de saúde que realizam testes rápidos para HIV, Sífilis, Hepatites B e C. Entretanto, 67,7% estão realizando as testagens na sua rotina de trabalho. Entre o grupo que realiza testes rápidos para IST na rotina de trabalho, 81,8% relataram que costumam acessar materiais do MS para realizar capacitações, cursos ou formação continuada na temática IST. Entre os que não costumam acessar os materiais do MS para capacitações, estão os que procuram ajuda com os profissionais de saúde do próprio setor 11,3%; 4,4% entram em contato com os profissionais do Setor de IST; ou buscam informações em outros sites da internet, 6,8%.

Entre os profissionais que realizam testes rápidos, 70,4% já foram capacitados para a função, de forma presencial ou on-line e entre esses, um participante relatou acesso ao recurso educacional TELELAB e 15,9% mencionaram outros cursos on-line. De acordo com os dados, a frequência de participação anterior em capacitações, treinamentos ou Formação Continuada em IST pelos inscritos foi inferior a 50%, evidenciando a necessidade de desenvolver recursos acessíveis e que facilitem a participação dos inscritos que ainda não estão capacitados na Formação Continuada. Os profissionais que informaram no questionário estar capacitados em IST em sua maioria frequentaram treinamento presencial. Em um levantamento realizado com enfermeiros de ESF do município de Campina Grande - PB em 2010, a taxa de profissionais capacitados em cursos de IST foi de 70% (PEDRAZA et al, 2018).

Quanto às atitudes relativas ao surgimento de dúvidas sobre o tema IST na rotina de trabalho, os resultados mostram que todos os inscritos apontam uma ou mais fontes de informação, 34,2% procuram sanar as dúvidas com colegas do próprio serviço, 27,5% buscam informações com profissionais do Setor IST. Ademais, 20,8% dos inscritos costumam ler os Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) do MS e ainda, 15,8% procuram esclarecer as dúvidas na internet.

As redes sociais são preferidas entre os aplicativos citados, apresentam boa aceitação entre o público da pesquisa, porém ao observar a parcela que utiliza a internet para sanar as dúvidas em relação às IST, percebe-se que o percentual de acessos é inferior, apenas 15,8% relatou utilizar a internet como fonte de pesquisa sobre o tema, enquanto que 75% dos participantes acessam o Instagram e 65% o Facebook.

A autoavaliação sobre realizar orientação pós-teste de diagnóstico reagente para HIV apontou que 59% dos inscritos se sentem preparados para informar o resultado de maneira adequada. Entretanto, existe uma parcela significativa de profissionais executores de testes rápidos que não tem confiança em orientar

ou informar sobre o diagnóstico. O executor do teste rápido é o primeiro contato do paciente no serviço de saúde, portanto, deve estar preparado para informar, orientar, dar assistência e encaminhar ao serviço especializado quando necessário. Esse profissional deve estar capacitado para dar orientações iniciais, sem julgar ou fazer abordagens inadequadas.

A sexualidade e as IST são temas ainda considerados tabus e que permeiam em uma sociedade onde o estigma e a discriminação prevalecem (GUIMARÃES et al, 2017). Sabe-se que a falta de capacitações e treinamentos para os profissionais de saúde em exercício ou em formação compromete o acesso universal, o atendimento de qualidade e, sobretudo, as ações de prevenção combinada em IST.

4. Conclusão

O presente trabalho fez o reconhecimento do perfil e das percepções da população inscrita no curso de Formação Continuada em IST e Prevenção Combinada. Identificamos a necessidade de capacitação e treinamentos no contexto das IST devido às vulnerabilidades e principais dúvidas apontadas no questionário pré-formação que permitiram selecionar os tópicos dos materiais do curso de Formação Continuada e as expectativas dos participantes quanto ao início da Formação Continuada. Embora a pesquisa tenha sido delineada para abordar as IST, grande parte das respostas foi baseada em HIV. Houve algumas menções nos termos IST, DST ou sífilis, demonstrando que a população estudada tem grande interesse e maior consciência da necessidade de obter informações sobre HIV. Por outro lado, também evidencia a urgência de desenvolver ferramentas específicas para as demais IST, principalmente de maior prevalência na região de estudo. Dessa forma, consideramos que a formação continuada para profissionais de saúde, em exercício ou em formação, pode ser uma estratégia para qualificar esse público para o atendimento com cuidados equitativos em saúde e o acesso universal.

As atividades posteriores de intervenção, a partir dos resultados obtidos na presente pesquisa, serão baseadas na área da produção midiática, com o foco principal de produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa e na área de Mediação tecnológica na educação, com foco em inserir as tecnologias na educação e assuntos relacionados aos agravos de saúde. Serão trabalhados alguns aspectos das tecnologias digitais, para que o público possa utilizar as ferramentas digitais de forma adequada nas atividades laborais.

Biodados e contato dos autores



ESCOBAR, T. A. é Bióloga, Doutora em Bioquímica e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Pampa Campus Uruguaiana. Atua como professora da Rede Municipal de Educação Básica de Uruguaiana. Completou o seu doutorado em Bioquímica na Universidade Federal do Pampa. Seus interesses de pesquisa incluem as áreas de Ensino, Educomunicação, Divulgação Científica, Tecnologias de informação. Tem experiência em Doenças Tropicais Negligenciadas (leishmaniose e tuberculose) e Infecções Sexualmente Transmissíveis com foco em saúde pública humana e animal. Está envolvida em projetos de extensão com ênfase em metodologia de ensino de biologia e ciências e saúde pública.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8896-3271>

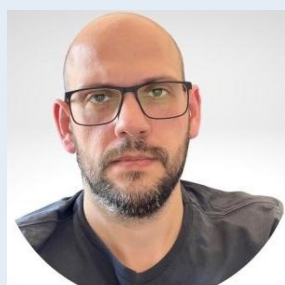
E-MAIL: taianeescobar.aluno@unipampa.edu.br



ZURAVSKI, L. é Técnica em Química na Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana. Completou seu doutorado na Universidade Federal do Pampa (RS). Tem interesses de pesquisa em Educomunicação, Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação e em Farmácia e Bioquímica. Atualmente está envolvida em 2 projetos de pesquisa na área de ensino e aprendizagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4935-665X>

E-MAIL: luisazuravski@unipampa.edu.br



MACHADO, M. M. é professor na Universidade Federal do Pampa, campus Uruguaiana. Completou seu doutorado na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Tem interesses de pesquisa em Educomunicação, Tecnologias de Informação e Comunicação e Inteligência Artificial na Educação. Atualmente está envolvido em 9 projetos de pesquisa na área de ensino e aprendizagem.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7583-9332>

E-MAIL: michelmachado@unipampa.edu.br

Agradecimentos

À CAPES e UNIPAMPA pelas bolsas de pesquisa; PPG Educação em Ciências da Universidade Federal do Pampa; à Secretaria Municipal de Saúde de Uruguaiana e Programa Municipal de IST/Aids de Uruguaiana pela participação no projeto.

Financiamento

Este estudo foi financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) - Bolsa de Doutorado e pela UNIPAMPA; A FAPERGS e o MPT4 (Ministério Público do Trabalho 4ª Região) pelos recursos financeiros; Os financiadores não tiveram nenhum papel no desenho do estudo, coleta de dados, análise, a decisão de publicar ou a preparação do manuscrito.

Referências bibliográficas

ABED. Associação Brasileira de Educação a Distância. **CENSO EAD.BR – 2019/2020**. Disponível em: https://www.abed.org.br/site/pt/midioteca/censo_ead/1986/2021/03/censoeadbr_-_2019/2020. Acesso em 20 jul 2023.

ABEP. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. **Critério de classificação econômica Brasil**. (ABEP), 2022.

ALMEIDA, L. B. C. de. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande. 2016. E-book. 45p. DOI 10.13140/RG.2.1.2915.7526. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 21 de jan. 2023. DOI: 10.13140/RG.2.1.2915.7526

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.

- BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. **Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas na População Brasileira-PCAP**. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2013, 170 p. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>. Acesso em: 02 mai 2023.
- BRASIL. **Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996**. Dispõe sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União. Brasília, DF: Diário Oficial da União; Ministério da Saúde, [1996]. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html. Acesso em: 05 mai. 2023.
- CARDOSO, M. R. G.; OLIVEIRA, G. S. de; GHELLI, K. G. M. Análise de Conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.98-111, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511>. Acesso em: 05 mai. 2023.
- DIAS, D. M.; BATTESTIN, V. Curso Online Aberto e Massivo (MOOC) de Combate a Princípios de Incêndio: uma Entrega do Corpo de Bombeiros Militar do ES para a Sociedade. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e1865, 2022. DOI 10.18264/eadf.v12i2.1865. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1865>. Acesso em: 3 maio. 2023.
- FLICK, I. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GABARRON, E.; ÅRSAND, E.; WYNN, R. Social media use in interventions for diabetes: rapid evidence-based review. **Journal of Medical Internet Research**, v. 20, n. 8, e10303, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30097421/>. Acesso em: 21 de jan. 2023.
- GUIMARÃES, D. A. *et al.* Formação em saúde e extensão universitária: discutindo sexualidade e prevenção de IST/aids. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 19, n. 2, p. 124-132, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/18870/12847>. Acesso em: 21 de jan. 2023.
- HSU, M. S.; ROUF, A.; ALLMAN-FARINELLI, M. Effectiveness and behavioral mechanisms of social media interventions for positive nutrition behaviors in adolescents: a systematic review. **Journal of Adolescent Health**, v. 63, n. 5, p. 531-545, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30197198/>. Acesso em: 21 de jan. 2023.
- HUOT, R. **Métodos quantitativos para as ciências humanas**. Trad. de Maria Luísa Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Base de dados da Internet. IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270pnadcontinua.html?edicao=34949&t=destaques>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. Pirâmide Etária 2010-2060**. Base de dados da Internet. IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- MACHADO, A. dos S. a. Educomunicação e saúde coletiva: pensando a comunicação como princípio para saúde e cidadania. *In: International Congress of Health Communication*, 3., 2017, Madri, **Comunicación oral**, Madri: 2017. Disponível em: https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/25577/educomunicacao_machado_3ICHHC_2017.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 mai. 2023.

- MACHADO, M. H. b. *et al.* Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final: Brasil. MACHADO, M. H. (Coord.). **Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil** — Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, v. 1, 2017. 750 p. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/pdfs/relatoriofinal.pdf>. Acesso em: 20 jul 2023.
- MEDEIROS, N. H. de; TOEB, I. C. D. Facebook na EaD. *In*: REAL, L. M. C. e MARQUES, T. B. I. (Orgs.). **Psicopedagogia e TICs**. SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. E-book. 187 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/150130/001006467.epub?sequence=1>. Acesso em: 20 jul 2023.
- MORAN, J. M. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje. *In*: BACICH, L. *et al.* (Orgs.). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**, Porto Alegre: Penso, 2015.p. 27-45. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/01/educa%C3%A7%C3%A3o_h%C3%ADbrida.pdf. Acesso em: 21 de jan. 2023.
- NASCIMENTO, C. F.; SANTOS, M. E. E. dos. A evasão e a permanência sob a ótica discente: o que os alunos apontam como fatores influentes na desistência e na conclusão do curso de pedagogia na modalidade EaD. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.abed.net.br/RBAAD/article/view/431>. Acesso em: 3 maio. 2023.
- OLIVEIRA, M. M. de; PEDRAZA, D.F. Contexto de trabalho e satisfação profissional de enfermeiros que atuam na Estratégia Saúde da Família. **Saúde em debate**, v. 43, p. 765-779, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/bfrfYGgXh9hkTgV5JgQDNpN/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- PEDRAZA, D. F. *et al.* Caracterização do trabalho de enfermeiros e profissionais do Núcleo de Apoio à Saúde da Família na Atenção Primária. **ABCS Health Sciences**, v. 43, n. 2, p. 77-83, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio908968?src=similardocs>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- PLASSA, W. Uma Análise sobre Conhecimento Digital Prévio e Progressão Educacional na Educação a Distância. **EaD em Foco**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. e1767, 2022. DOI: 10.18264/eadf.v12i2.1767. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1767>. Acesso em: 3 maio. 2023.
- SCHNEIDER, D.; SILVA, K. K. A. de., BEHAR, P. A. Competências dos atores da educação a distância: professor, tutor e aluno. *In*: BEHAR, P. A. (Org.). **Competências em Educação a Distância**. Porto Alegre: Editora Penso, 2013.
- SILVA, K. K. A. da. **Modelo de Competências Digitais em Educação a Distância: MCompDigEAD - um Foco no Aluno**. 2018. 279 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2018.
- SILVA, K. K. A. DA; BEHAR, P. A. Modelos Pedagógicos Baseados em Competências Digitais na Educação a Distância: Revisão e Análise Teórica Nacional e Internacional. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, e1423, 2021.
- SOARES, I. de O. *et al.* Educom. Saúde -SP um projeto de mobilização do poder público e da população paulista para ações integradas na vigilância e controle do mosquito *Aedes aegypti*. **BEPA**, v. 16, n. 184, p. 13-22, 2019. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1023332/1518413-22.pdf>. Acesso em: 21 de jan. 2023.
- TEIXEIRA, P.; VALLE, S. **Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar**. SciELO-Editora FIOCRUZ; 2010, 422p.
- TROITINHO, M. de C. R. *et al.* Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMTyPDDC3bZXTR/>. Acesso em: 23 jan. 2023.

UNAIDS. Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS). **Guia de Terminologia do UNAIDS**. 2017, 46p. Disponível em: <https://unaid.org.br/terminologia/>. Acesso em: 21 de jan. 2023.

VIANA, C. E.; NEVES, I. Qual educação nas políticas públicas de saúde? *In*: MARTINI, R. G. *et al.* (Orgs.) **Educação em Tempos de Pandemia: Práticas e Desafios**. 1 ed. São Paulo: Associação Brasileira de pesquisadores e Profissionais em Educação, 2021. E-book. 241 p. Disponível em: <https://abpeducom.org.br/publicacoes/index.php/portal/catalog/book/33>. Acesso em: 02 mai. 2023